

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA: um olhar a partir da antropologia de Edith Stein

EDUCATION AND HUMAN DEVELOPMENT: A Perspective from Edith Stein's Anthropology

FREITAS, Wesley Vandison de¹

SANTIAGO, Maria Betânia do N.²

Resumo: A discussão sobre formação humana abriu novas possibilidades para refletir sobre o caminho que o ser humano deve percorrer para descobrir a si mesmo. Propõe-se aqui discutir as contribuições da filósofa Edith Stein no processo de formação e autoformação do ser humano. Seu pensamento, embora fundamentado na fenomenologia, assume características próprias da reflexão filosófica. A partir do estudo da obra selecionada da autora e com o uso de uma metodologia qualitativa, realizou-se uma análise bibliográfica numa perspectiva fenomenológica. O estudo constatou que Edith Stein trilhou um caminho singular dentro da fenomenologia, caracterizando e analisando-o à sua maneira. Constatou-se que a autora desenvolve uma antropologia própria, voltada para a práxis pedagógica. Observou-se os destaques que ela faz aos fatores formadores que influenciam no processo de formação e autoformação. Por fim, concluiu-se que o pensamento de Edith Stein é relevante para os dias atuais, mas que é necessário ir além, adotando uma postura crítica que reconheça o contexto histórico em que foi escrito, em contraste com as realidades contemporâneas.

Palavras-chave: Antropologia. Fenomenologia. Pessoa humana. Edith Stein.

Abstract: The discussion about human formation has opened new possibilities for reflecting on the path that a human being must take to discover themselves. This paper proposes to discuss the contributions of the philosopher Edith Stein in the process of human formation and self-formation. Her thinking, although grounded in phenomenology, takes on characteristics unique to philosophical reflection. Based on the study of the selected works of the author and using a qualitative methodology, a bibliographic analysis was carried out from a phenomenological perspective. The study found that Edith Stein followed a singular path within phenomenology, characterizing and analyzing it in her own way. It was observed that the author develops her own anthropology, focused on pedagogical praxis. Attention was drawn to the formative factors she highlights, which influence the process of formation and self-formation. Finally, it was concluded that Edith Stein's thought is relevant to the present day, but it is necessary to go further by adopting a critical stance that recognizes the historical context in which it was written, in contrast with contemporary realities.

Keywords: Anthropology. Phenomenology. Human person. Edith Stein.

¹Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste.

² Orientadora do TCC, a professora é Graduada em Filosofia, Mestre e Doutora em Educação pela UFPE. Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA).

1. INTRODUÇÃO

Durante a formação para a docência somos levados a compreender os dilemas que atravessam o processo educativo que nos forma, uma vez que a educação escolar é um fenômeno presente em nossa vida e no cotidiano das sociedades. Educação e formação humana são caminhos que se entrecruzam, afinal, é no espaço escolar, juntamente com a experiência familiar e social, que vamos nos constituindo e nos entendendo enquanto ser no mundo. Nesse sentido, olhar para a pessoa humana no processo de construção de si, é olhar para um ser em transformação individual e coletiva, pois nossa singularidade une-se à pluralidade em que estamos inseridos.

Ao observar os movimentos filosóficos e pedagógicos do século XX, podemos perceber que havia uma preocupação em compreender a essência humana no seu existir no mundo. Nesse cenário, buscou-se entender a exigência de tomar consciência de que nós, seres humanos, somos um desafio a nós mesmos. Dentre os movimentos e correntes de pensamento surgidos nesse período, destacamos a Fenomenologia, iniciada em Edmund Husserl (1859-1938), que olha para os fenômenos para além de seu sentido usual, evidenciando suas essencialidades objetivas. A fenomenologia busca então ser o estudo das estruturas da consciência humana. De seu fundador, nascem várias perspectivas fenomenológicas a partir de pensadores como Martin Heidegger (1889-1976), Max Scheler (1874-1928), Adolf Reinach (1883-1917), Merleau-Ponty (1908-1961) e Edith Stein (1891-1942).

Pensar a educação e a fenomenologia é pensar num caminho educativo que busque sentir e tornar explícito a experiência daquilo que se vive, para que o ser, enquanto pessoa humana, possa olhar para si e para o mundo, compreendendo nossa realidade da maneira mais fiel ao que ela é. Educar, na fenomenologia, é parte do processo de tomada de consciência de si e da complexidade em que está inserido tal processo, pois há uma intencionalidade que se resume numa relação da nossa consciência para com o mundo e de nossas interações com ele.

A partir dessa perspectiva nos propomos aqui a apresentar o pensamento de Edith Stein, filósofa alemã, assistente de Husserl, que viu a fenomenologia crescer e fez parte do grupo que ficou conhecido como o círculo de *Göttingen*³. De origem judia, convertida ao catolicismo, Stein viveu os horrores das duas guerras mundiais e lutou pelo espaço das mulheres nos mais diversos âmbitos da sociedade. Ela buscou ao longo do seu percurso entender os elementos e estruturas que formam e nos tornam pessoas humanas. Sua vida é marcada por dificuldades,

³ Alunos e colegas de Edmund Husserl que trabalharam, estudaram e discutiram em conjunto o pensamento fenomenológico na universidade de *Göttingen* durante as primeiras décadas do século XX.

mas também por uma determinação incansável na busca pela verdade, que a fez mergulhar num rigoroso estudo para compreender o ser humano e os processos que formam a pessoa humana.

Edith Theresa Hedwing Stein nasceu em Breslau, Império Alemão, em 12 de outubro de 1891, no *Yom Kipur*, dia do perdão na tradição judaica, de qual sua família fazia parte. Mais nova de 11 filhos, perdeu o pai aos 2 anos e viu sua mãe assumir a casa e os negócios da família desde cedo. Apesar de ter crescido na fé judaica, ainda jovem abandonou a fé e se declarou atea. Em 1911 ingressou no curso de psicologia da Universidade de Breslau onde sentiu-se incompleta naquilo que estudava. Mudou-se para *Göttingen* em 1913, após conhecer a fenomenologia de Husserl, onde passou a estudar filosofia. Em 1915 interrompeu seus estudos para servir como enfermeira em um hospital de guerra durante a primeira guerra mundial, retomando-os apenas em 1916, quando se tornou assistente de Husserl até o ano de 1918, após ter publicado sua tese, intitulada *Sobre o problema da Empatia*.

Como nos lembra Rocha (2021), Stein não compõe propriamente uma “obra” pedagógica, mas encontramos em seus escritos contribuições para o processo de educação e formação humana, textos como os manuscritos de suas conferências a professoras em *Speyer*⁴ e na obra “Estrutura da Pessoa Humana”, publicada em *Münster entre 1932/33*, na qual Stein apresenta sua ideia sobre o que constitui o ser humano e como a antropologia e a pedagogia estão ligadas intrinsecamente nesse processo. Para Sberga (2014, p. 27), a obra “*A Estrutura da pessoa humana* traz a concepção antropológica e filosófica da construção da subjetividade humana, compreendida na sua totalidade, e apresenta tanto as condições quanto às implicações para o processo de formação e autoformação”.

O cerne dessa visão pedagógica parte da convicção de que o processo de desenvolvimento humano se dá a partir de dentro, criando um itinerário criativo para o ato de educar. Machado (2014, p. 94) nos lembra que “Edith elaborou um peculiar pensamento pedagógico, fundamentado numa antropologia da educação e do educador, compreendendo o homem no seu amplo contexto sociológico, pedagógico e religioso”. Em síntese, a pessoa humana é o fundamento da prática educativa que a forma.

A partir dessas inquietações nasce o desejo de pesquisar as contribuições de Edith Stein para a pedagogia, considerando as elaborações presentes nas obras *Estrutura da Pessoa Humana* e *A Ideia de Formação*. O foco da primeira é unir o ato de educar e ser educado a um processo de construção da pessoa humana, por meio da concepção antropológica do ser humano, criando um elo entre a educação e a formação humana. Já em *A Ideia de Formação*,

⁴ Cidade alemã onde Stein lecionou em um Liceu para moças.

a filósofa nos apresenta possibilidades de pensar a formação, tendo como questão fundamental o sujeito da ação educativa e as implicações desse processo formativo para essa pessoa.

Para tanto, pesquisamos trabalhos desenvolvidos no Brasil, considerando os anos de 2012 a 2024. Ao buscarmos as produções acadêmicas desse período, na Base digital de teses e dissertações – BDTD, encontramos 66 teses e dissertações que trabalham o pensamento filosófico de Edith Stein. Dentre elas, destacam-se como relevantes para esta pesquisa os trabalhos de Bravaresco (2017), intitulado de “O conceito da pessoa em Edith Stein”, que vai trabalhar justamente com as obras destacadas; Teixeira (2017), intitulada de “A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas”, que estabelece um diálogo entre educação e teologia a partir do pensamento de Stein e, por fim, a obra de Carneiro (2016), intitulada de “A formação humana em contexto de violência: uma compreensão clínica a partir da fenomenologia de Edith Stein”, que destaca aspectos importantes da abordagem fenomenológica de Stein. Os trabalhos nos apontam caminhos e possibilidades a partir do pensamento de Edith Stein para refletir sobre o que nos constitui.

A partir desse olhar, trazemos, portanto, como interrogação condutora de nossa pesquisa, a seguinte questão: Como a antropologia de Edith Stein nos ajuda a pensar uma educação que contribua para o processo de formação humana? Para responder tal questão, nosso trabalho assume como objetivo geral compreender a antropologia de Edith Stein como caminho para pensar numa educação que contribua para o processo de formação humana. Tal objetivo se desdobra em caminhos como objetivos específicos de estudo: descrever e analisar o significado da abordagem fenomenológica de Edith Stein para a educação; analisar a concepção antropológica de Edith Stein e, por fim, discutir a ideia de formação humana da pensadora, relacionando-a ao nosso contexto educacional.

Para nos ajudar a descrever e servir como guia nos caminhos trilhados por Edith Stein, assumimos como referenciais teóricos as contribuições de Kusano (2014); Rocha (2021); Rus (2015); Santos e Rocha (2014); Sberga (2015) e Santana (2016).

A busca de Edith Stein pela verdade serviu como inspiração e fio condutor para a relevância pessoal deste trabalho. Ao longo do curso discutimos sobre formação humana, mas de uma maneira fragmentada, onde o ser funciona em partes separadas e não numa intrínseca rede de caminhos que o constituem, pois somos atravessados por realidades simultâneas e tudo em nós vive em constante formação. Depois, o fato de seu pensamento não ter sido apresentado ao decorrer do curso, diferente de outras referenciais, da leitura de alguns de seus contemporâneos, nos trouxe uma inquietação. E, quanto a isso, acreditamos que tal ausência se

deve a seu pensamento ser permeado por uma visão religiosa, sobretudo após sua conversão ao catolicismo. Seus desafios por ser uma mulher das ciências no início do século XX tornam-se inspiração para trazer pensamentos femininos e religiosos para o nosso cotidiano formativo.

Quanto à relevância acadêmica, faz-se necessário e tem sido cada vez mais presente a discussão acerca da formação humana, especialmente considerando o cenário recente, depois de situações como a pandemia da COVID-19 e a fragilidade de sistemas democráticos, onde a humanidade foi e tem sido posta diante de fenômenos que nossa geração até então não conhecia. Assim como Edith e outros pensadores do século XX, é preciso que nós, do século XXI, voltemos nosso olhar para nós mesmos e busquemos caminhos para que o ser humano se encontre e reconheça sua humanidade em si e no próximo, tendo consciência de que o mundo está para além de nossa realidade

Como relevância social, acreditamos que num mundo globalizado, onde tudo se pauta pela eficiência e rapidez, faz-se necessário pensar quais seres humanos estamos buscando formar e como a educação escolar atua diante de tais situações de nossa sociedade. Stein, viveu os horrores de duas grandes guerras e temia uma sociedade que não pensasse nos seres humanos que estavam formando no futuro. Acreditamos ser necessário olhar para nosso mundo, repleto de conflitos e guerras, e tentar criar um caminho de possibilidades e paz a partir do conhecimento e da nossa relação com o mundo.

Nos caminhos teóricos-metodológicos, a presente pesquisa, considerando o fenômeno educacional, assume uma abordagem qualitativa, como afirma Malheiros (2011): “A abordagem qualitativa parte do princípio de que a realidade só existe do ponto de vista da pessoa. Ou seja, o que é real é a interpretação que se faz do fenômeno, não o fenômeno em si.” Nessa perspectiva, pensar na pessoa é partir de suas realidades e seus saberes, ouvindo e compreendendo a vida a partir de quem a vive.

Partindo disso, desenvolvemos uma pesquisa de caráter bibliográfico, que tem como objetivo analisar as contribuições de Edith Stein para uma pedagogia orientada para a formação humana, de modo mais direto em suas obras *A Estrutura da Pessoa Humana*, onde trabalharemos os dois primeiros capítulos e *A ideia de formação*, a fim de responder à questão norteadora e alcançar os objetivos postos para tal. Quanto a esse caminho, Lima; Miotto (2007) afirmam:

“No caso da pesquisa bibliográfica, a leitura apresenta-se como a principal técnica, pois é através dela que se pode identificar as informações e os dados contidos no material selecionado, bem como verificar as relações existentes entre eles de modo a analisar a sua consistência.” (Lima; Miotto, 2007, p. 41)

Os procedimentos metodológicos contemplam a leitura sistemática de parte selecionada da obra da autora, norteada pelos objetivos indicados acima. Tal caminho nos permitiu construir pontes que relacionam os dados à realidade em que estamos inseridos, dando significado e sentido à nossa pesquisa.

A análise dos dados obtidos nessa sistematização ocorreu segundo os pressupostos do método fenomenológico, que busca, através da concepção da consciência e sua intencionalidade, ir às coisas mesmas, olhando para o fenômeno em sua essência. Esse método tem como caminho principal a redução fenomenológica; a descrição e a busca pelas essências. Segundo Giorgi (2008, p. 388), a “fenomenologia trata do fenômeno da consciência e, tomada de em seu sentido mais amplo, ela remete às experiências vividas por um indivíduo”. Remetida a tais experiências, logo ela é um estudo das estruturas da consciência.

Segundo Giorgi (2008), o dado precisa se apresentar enquanto fenômeno e ser compreendido através de sua relação com a consciência. Nesse sentido, a leitura da realidade estudada – empírica ou bibliográfica – na fenomenologia precisa seguir uma abordagem global, apreendendo os dados globais obtidos na coleta e leitura, para posteriormente serem tecidos pelo caminho que buscamos chegar.

Ainda segundo o caminho sugerido por Giorgi (2008), é necessário dividir e organizar o que foi lido para discriminar os sentidos e adotarmos a perspectiva de uma análise, que em nosso caso, é a pedagógica, para adaptar nosso contexto ao fenômeno estudado, dividindo os dados em unidades de significação, que são resultados das atitudes e análises de quem pesquisa. Esse procedimento ou atitude é uma característica fundamental de uma abordagem fenomenológica, sempre orientada à descoberta, “pois se ao pretender encontrar sentido nos dados a atitude deve ser suficientemente aberta para deixar fluir significações imprevistas” (Giorgi, 2008, p. 399) Portanto, ao constituir tais unidades e descobertas é preciso organizá-las para voltar a examinar e explorar, tornando assim mais evidente, utilizando-se do método de variação livre e imaginária, para contrastar o dado obtido com elementos descritos e analisados a partir do que foi obtido, gerando um paralelo do dado com o que ele quis representar.

Por fim, o autor aponta que o último passo é a síntese dos resultados, onde cada unidade precisa ser reduzida naquilo que se apresenta enquanto essência a partir de sua perspectiva e reformulada nela; para nós, a pedagógica. Essa perspectiva vai nos guiar a partir desse caminho para o alcance de nosso objetivo é melhor compreensão dos fenômenos estudados. Cabe destacar o que ele nos aponta enquanto resultado dessa análise: “O produto final de uma análise fenomenológica científica não é, pois, apenas a “estrutura essencial”, mas sim, tal estrutura em

suas relações com as diversas manifestações de uma identidade essencial” (Giorgi, 2008, p. 402) Ou seja, para além da estrutura essencial, devemos voltar nosso olhar para as mais diversas manifestações que se dão a partir dela, criando identidades próprias e distintas de cada ser.

Assim, o trabalho busca oferecer uma contextualização do pensamento e vida de Edith Stein, a partir dos objetivos e procedimentos metodológicos próprios a uma abordagem fenomenológica e em conformidade com referencial teórico assumido, e está dividido em três tópicos: o primeiro intitulado de “A abordagem fenomenológica e seus caminhos a partir de Edith Stein” aborda o conceito e as características próprias da fenomenologia; “Os caminhos antropológicos de Edith Stein”, apresenta as características centrais à antropologia que Stein aponta como possível para ajudar o ser humano em seu processo de formação e autoformação e o terceiro, intitulado de “A ideia de formação humana” discute o conceito de formação e autoformação dos seres humanos a partir da análise fenomenológica da antropologia de Stein. Por fim, trazemos os elementos conclusivos do estudo.

2. A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA E SEUS CAMINHOS A PARTIR DE EDITH STEIN

A fenomenologia nasce de inquietações e descrenças de Edmund Husserl (1859-1938) para com a filosofia e as ciências, na virada do século XIX para o século XX, ao se deparar com a discussão acerca da separação entre pessoa e objeto, que marca as posições defendidas pelos racionalistas e empiristas sobre razão e experiência, assim como pelo positivismo, em sua defesa de um conhecimento neutro. A fenomenologia então representa o estudo dos fenômenos, das coisas que constituem nossa existência. Tais fenômenos se dão a partir da vivência, por isso ela também se caracteriza como o estudo das essências, pois não está preocupada em pensar o “algo”, mas sim em como esse “algo” é sentido, percebido e vivido a partir da experiência para com ele.

Husserl vai então tecendo passos importantes no processo de construção do pensar fenomenológico chamando assim a atenção de outros pesquisadores que trabalharam por essas trilhas e, bebendo da fonte e da origem, fazem seu próprio caminho a partir da fenomenologia. Considerando esse cenário, vamos nos ater primeiro nos passos que fundamentam a fenomenologia husserliana, seguida então da abordagem e do pensar fenomenológico de Edith Stein a partir de sua experiência com Husserl.

2.1. O pensar fenomenológico de Husserl

O primeiro passo do pensamento fenomenológico para Husserl é o da redução fenomenológica, ou *epoché*, que é a suspensão de nossos valores e julgamentos para observar os fenômenos tais como eles são. Quanto a isso, Bueno (2014, p. 34) nos fala: “Para a fenomenologia, a *epoché* consiste em deixar de lado todos os nossos pré-conceitos, numa suspensão provisória dos nossos julgamentos, para assim poder aprender as coisas em si.” Ou seja, só suspendendo aquilo que temos construído sobre os fenômenos é que nos possibilita descobrir sua essência primitiva e deixar de lado tudo que lhe é secundário.

Ao criticar a postura epistemológica que a filosofia vinha tomando, Husserl aponta o conceito da redução *eidética*, que se dá a partir da realização da *epoché*. Quanto a isso, Peixoto (2012) nos diz que “Husserl demonstrou que a preocupação da filosofia deve ser com o rigor, e não com a exatidão. Com isso, estabeleceu a diferença entre ciências empíricas, que trabalham com fatos, das ciências *eidéticas* ou ciências puras, que se ocupam com idealidades.” (Peixoto, 2012, pg. 44). Ou seja, a fenomenologia toma para si o caminho das ciências *eidéticas*, buscando descrever os atos da consciência as vivências do ser e estar no mundo e preocupar-se em ser fiel ao real, tornando-a inexata, pois cada consciência e vivência caminham por realidades e contextos próprios; a realidade do mundo é justamente ser plural, inconstante e complexa.

Da redução e ciência *eidética* nasce o conceito de *intencionalidade*, que, segundo Peixoto (2012), busca superar a discussão sobre a oposição sujeito/objeto, razão/experiência e a ideia de um conhecimento neutro, pois “o ponto de partida é o mundo e não o pensamento”. Nesse caminho, Bueno (2014) assim esclarece o significado da intencionalidade:

A fenomenologia pretende realizar a superação dessa dicotomia, afirmando que toda consciência é intencional, o que significa que não há pura consciência, separada do mundo, mas que toda consciência tende para o mundo, toda consciência é consciência de alguma coisa. (Bueno, 2014, p.37)

A consciência assume um papel importante, pois para Husserl, a consciência é consciência das coisas para se tornar consciência de consciência e não existe sem as coisas. Em resumo, seria dizer que a intencionalidade busca criar uma relação entre o ser humano e o mundo, mostrando que existe um objetivo e as coisas não ocorrem no vazio.

Passando então por esse caminho da *epoché*, da redução *eidética* e da *intencionalidade*, nós podemos então compreender o cerne, a essência do pensamento husserliano que serviu de base para o caminhar fenomenológico que o próprio Husserl vai remodelando a partir dessas bases. Foi por meio delas que Edith Stein se encontrou durante seus anos de estudo em

Göttingen e *Freiburg*⁵ com a fenomenologia e criou, a partir delas, sua própria abordagem fenomenológica.

2.2. Nas trilhas do pensamento de Edith Stein

Stein (2024), ao falar do método fenomenológico na obra “Estrutura da Pessoa Humana”, vai nos dizer de forma sucinta que o princípio do método fenomenológico é

Considerar *as coisas mesmas*. Não consultar as teorias sobre as coisas; excluir, onde é possível, tudo que se escuta, tudo que se lê ou que foi construído, aproximar-se delas com um olhar sem preconceitos e captar pela intuição imediata. (Stein, 2024, p. 49)

Inicia então seu itinerário filosófico na fenomenologia e retoma o caminho feito por Husserl, tecendo a partir dele sua própria abordagem fenomenológica. Alguns filósofos como Max Scheler (1874-1928)⁶ e os membros do círculo de *Göttingen* rompem com ele após o chamado *idealismo husserliano*⁷. Stein, diferentemente de seus colegas, cria um caminho paralelo a tal idealismo. Quanto a isso, ela afirma em seu texto *O que é fenomenologia*, publicado em 1924: “A meu ver, o idealismo é uma convicção fundamental, pessoal e metafísica, e não o resultado incontestado da pesquisa fenomenológica” (Stein, 2019, p. 44). Observa-se que ela toma essas ideias de seu professor como algo pessoal, mas assumirá a ideia transcendental ao longo de seu caminho, tecendo laços com o pensamento escolástico de Tomás de Aquino⁸ (1225-1274).

Uma referência constante no pensamento de Edith Stein é com a ideia de pessoa e sua presença no mundo humano. Na verdade, ela estava extremamente preocupada com a integridade do *ser* e de sua relação com o diferente, como afirma Grzibowski (2014):

Sem dúvidas, o mundo humano, a pessoa, será um dos pontos fortes da sua pesquisa e consequentemente da sua teoria. Sendo assim, podemos afirmar que um dos aspectos centrais em torno do qual girará seu pensamento será, sem dúvida, a preocupação descomunal com o ser humano na sua integridade e sua ética com o diferente, com o outro, com o estrangeiro (Grzibowski, 2014, p. 150).

Stein vai então discutir sobre o mundo e sua relação com o ser pessoa humana e suas implicações a partir disso. Ela pesquisa a partir do método fenomenológico em sua tese de

⁵ Cidades alemãs onde Husserl lecionou e Edith Stein tem seu primeiro contato com a fenomenologia husserliana.

⁶ Filósofo alemão que exerce grande influência no pensamento de Edith Stein ao adentrar no âmbito da religiosidade. Foi também um colega de discussões sobre o pensar fenomenológico, numa relação marcada por divergências e convergências acerca desse pensar.

⁷ O termo se refere às ideias apresentadas por Husserl em seu livro chamado “*Ideias*”, onde ele apresenta seu pensamento idealista e o conceito da transcendência.

⁸ Padre e professor durante o período medieval, Tomás de Aquino foi o grande nome da filosofia e teologia, chamado “o príncipe da escolástica”. Sua filosofia tem como base a releitura do pensamento aristotélico para o mundo cristão.

doutorado sobre *empatia*. Nessa pesquisa ela busca usar o método, mas acaba sendo atravessada pela primeira guerra mundial, na qual atuou como enfermeira e pode, diante daquela triste realidade do hospital em que serviu, observar como pessoas de diferentes nacionalidades, idiomas e culturas se relacionavam. Para além de sua pesquisa, pode ver no cotidiano de um hospital de guerra, o fenômeno de ser pessoa humana e conviver com as especificidades de cada um, sendo empáticos ou não. Ao voltar do hospital ela perceberia que caminhava por uma trilha onde o ser humano de fato precisava ser visto em sua totalidade.

Diante do giro idealista de Husserl, Stein será, dentre aquelas que caminharam com o mestre, a que menos se distanciará de seu pensamento, abraçando, portanto, a proposta de um realismo fenomenológico. Dessa forma, Stein interpreta o pensamento fenomenológico husserliano, faz críticas ao seu mestre, e trilha seu próprio caminho como filósofa e pensadora.

Na busca pela essência humana, a pensadora afirma que cada ser humano é uma pessoa espiritual, e essa pessoal espiritual é o que a alma humana tem de mais elevado; é sua parte livre, o cerne do fenômeno de cada pessoa, que só pode ser observado ou sentido a partir da consciência de si e de sua liberdade, buscando ser algo, mas não tudo, entendendo-se enquanto ser.

Assim, com a suspensão de toda e qualquer ideia, Edith Stein buscava chegar e aderir as coisas mesmas, fazendo com que, ao chegar em suas essências e originalidades, pudesse falar mais verdadeiramente sobre si e seus fenômenos. Cabe salientar que suas obras são extremamente permeadas por uma incansável busca pela verdade, fazendo-a chegar à ideia de uma fenomenologia transcendental, onde dentro da tríade que nos forma, espírito, alma(psique) e corpo, exista uma alma da alma, que transcenda nossa existência e nos faz chegar nessa verdade que nos forma.

Após sua conversão ao Catolicismo⁹, em 1921, esse fim último, a verdade, será identificada com Deus, mais precisamente com a ideia católica de Deus. Para justificar tal guinada, ela faz um caminho similar ao de seu mestre, volta aos textos dos antigos filósofos gregos, de forma mais presente o pensamento de Aristóteles (374 a.C.-322 a.C.). Busca assim criar fundamentos para construir a ponte que buscava unir a filosofia secular de Husserl com a filosofia escolástica de Tomás de Aquino, para mostrar que ciência e religião não eram totalmente distantes e que tal junção não desfaz o rigor metodológico que exige a academia. Quanto a esse aspecto, Rocha (2021) destaca a influência do Tomismo nesse pensamento,

⁹ Edith Stein converte-se ao catolicismo após ler “*O livro da Vida*”, a autobiografia de Teresa de Ávila, numa noite chuvosa no final do ano de 1921, tendo tomado o batismo e professando oficialmente sua conversão no dia 1º de janeiro de 1922.

afirmando que “Santo Tomás de Aquino exerceu grande influência sobre ela, ajudando a compreender que era possível conciliar a vida intelectual e espiritualidade, fé e razão” (ROCHA, 2021, p. 2). A própria Edith Stein produz uma de suas obras mais importantes dentro do Carmelo¹⁰, intitulada de *Ser finito e Ser Eterno*. É nessa obra que Stein aprofunda ainda mais essa relação do ser humano com o Ser Eterno e sua importância para a formação humana e compreensão do ser e estar no mundo.

3. OS CAMINHOS ANTROPOLÓGICOS DE EDITH STEIN

Na obra *A Estrutura da Pessoa Humana*, Edith Stein afirma que “cada obra educativa, direcionada a “formar” seres humanos, é guiada por um determinado conceito de ser humano, da sua posição no mundo, das suas tarefas da vida, das possibilidades práticas de plasmá-lo e formá-lo” (Stein, 2024, p.17). Ou seja, para educar é preciso ter em mente uma ideia do que é o ser humano e qual seu papel no mundo. Em resumo, para Stein, a antropologia, unida a pedagogia, pode gerar uma ideia global do mundo, uma metafísica, e interligadas, dariam ao ser uma formação que o conduzisse a autoformação. Nesse sentido, Kusano (2014) afirma:

Stein aponta para duas questões importantes e relacionadas: existe uma teoria pedagógica por trás de uma práxis educativa e, essa teoria, vinculada à metafísica, ou a um conhecimento que tente responder à pergunta “o que é o homem?” exerce seus efeitos na formação (Kusano, 2014, p. 60).

Ou seja, existe sempre uma teoria vinculada a práxis pedagógica que vai unir-se a pergunta sobre o que é o ser humano e, consciente ou não, faz com que o educador tome para si uma visão sobre o humano que ele está formando. Stein busca então, antes de responder tal questão, olhar para o horizonte de pensamentos antropológicos que estão ao seu redor para compreender suas influências e repercussões no pensar pedagógico.

3.1. Os horizontes antropológicos contemporâneos a Edith Stein

Stein traça um percurso que passa pelo idealismo alemão, atravessa a psicologia profunda e chega no existencialismo de Heidegger, “para mostrar as convergências e divergências com a imagem que seria seu próprio pressuposto, a metafísica cristã e os objetivos de uma educação religiosa” (Kusano, 2014, p.60). Ela dedica todo o primeiro capítulo da obra *A Estrutura da pessoa humana* para nos apresentar tal horizonte.

¹⁰ Termo utilizado para referir-se a Ordem do Carmo, ou Ordem dos filhos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, uma ordem de frades e monjas católicas que se dedicam a oração e a missão. Pertenceu a mesma Ordem Teresa de Ávila cuja leitura influenciou Stein em seu processo de conversão e João da Cruz, do qual Stein dedica uma obra chamada “*A ciência da Cruz*”. A própria autora ingressou na Ordem, em 1933, no Carmelo de Colônia, aos 43 anos, tendo recebido o nome de irmã Teresa Benedita da Cruz.

Ao falar sobre o idealismo alemão, Stein cita Lessing (1729-1781), Herder (1744-1803), Schiller (1759-1805) e Goethe (1749-1832) como bases desse pensamento, ela destaca:

O homem é livre, é chamado a perfeição, é um membro na corrente de todo gênero humano, que se aproxima progressivamente do ideal de perfeição; cada indivíduo e cada povo receberam, graças a sua especificidade, um particular tarefa para desempenhar no processo de desenvolvimento da humanidade. (Stein, 2024, p. 19)

Tal concepção do ser humano contém impulsos de um otimismo e ativismo pedagógicos, advindos dos movimentos de reformas pedagógicas que ocorriam naquele período. Acredita-se aqui num forte ideal de humanidade, na busca pela perfeição, que só pode ser alcançado através da verdadeira educação e este deve ser o objetivo do educador diante do aluno em formação. Para Stein é justamente a confiança colocada sobre o ser humano e sua natureza, atrelada a sua razão, que não enxerga outro fim que não a vitória, que torna frágil a visão sobre o ser humano, ela afirma que “é próprio do intelectualismo desta filosofia levar em consideração somente aquilo que é captado pelo intelecto” (Stein, 2024, p. 20). Com isso, acaba que por deixando de lado aquilo que vai para além da nossa consciência, como as sensações mais profundas que temos dentro de nós, ficando apenas naquilo que é superficial.

Com essa leitura, Stein demonstra que o idealismo alemão tem traços em comum e guarda relações com a antropologia cristã: ambos enxergam a natureza humana como essencialmente bondosa, íntegra e consciente através da liberdade e da responsabilidade em busca de alcançar a perfeição humana. No entanto, trata-se de abordagens opostas, conforme indica Kusano (2014):

o objetivo colocado pelo humanismo restringe suas metas a um ideal terreno de perfeição, plenamente alcançável por meio de capacidades naturais. Para o cristianismo, esse desenvolvimento se dar num movimento de direção ao transcendente e seu sucesso não está atrelado apenas as potencialidades humanas. (Kusano, 2014, p. 61)

No mesmo período em que esse idealismo encontrava seu apogeu e queda, lançava raízes e crescia o pensamento da psicologia profunda, apontada inicialmente na literatura russa, da qual “Tolstói e Dostoiévski foram os conhecedores e os intérpretes da alma que nos apresentaram os abismos desvelados da existência humana” (Stein, 2024, p. 20). Mas aponta também que os desvios de uma vida considerada normal, acabam que por nos fazer pensar nas profundidades escondidas em nossa alma. A partir desse olhar para a literatura russa, Menezes (2014) afirma:

Portanto, a literatura russa, a psicanálise, a guerra e o pós-guerra operam uma inversão no próprio conceito de homem, a partir do qual não vigorará o lado luminoso da consciência, da vigília, das forças humanas unitárias. Ao invés

disso, “uma outra imagem do ser humano é elaborada em substituição daquela imagem humanista, ou melhor, outra proposta antropológica” (*Ibid.*, 2000, p. 41) surge fazendo com que a consciência, aos atos da vontade, o pensamento, os sentimentos sejam derivados dessas forças inconscientes. (Menezes, 2014, págs. 279, 280)

Ou seja, tais forças inconscientes, o profundo de nossa alma, coloca a nossa consciência como consequência dos atos e forças do inconsciente. Stein então lança a pergunta “tem ainda sentido, em tal concepção do ser humano, um empenho pedagógico?” (Stein, 2024, p. 21). Quanto a isso, ela reconhece que uma das repercussões pedagógicas dessa psicologia profunda é a valorização de instintos que não eram levados em conta anteriormente e que, “como segunda consequência da psicanálise, observo que nos pais e educadores a tarefa de guiar e de formar passa em segundo lugar em relação ao esforço de compreender.” (Stein, 2024, p. 22). Tais visões do ser humano coloca a autora entre a superficialidade da consciência e a profundidade do inconsciente, o que a fará olhar para a filosofia existencialista de Martin Heidegger, que apresenta um ser que busca pela compreensão do ser e existir no cotidiano de sua vida.

Sobre essa posição, Kusano (2014, p. 63) afirma que “para Heidegger, a vida profunda seria a vida do espírito que escolhe viver na verdade do ser e que exige da pessoa humana uma postura autêntica e livre. Cabe ao ser humano aceitar e enfrentar a condição de um ser que veio do nada e para o nada caminha.”. Isso faz com que o pensador se afaste da metafísica cristã, pois o ser humano enquanto ser finito direcionada ao nada de sua existência foge ao ideal cristão de um ser que nasce de Deus e encontra seu fim na eternidade em que habita esse Deus. Nessa perspectiva, “segundo Stein, é preciso ir contra um niilismo de uma metafísica que nos fale do homem não por aquilo que ele não seja, mas positivamente, e que mostre também o absoluto que paira sobre a visão do homem condicionado.” (Kusano, 2014, pg. 63).

Podemos então perceber que as três visões de ser humano que Edith Stein reconhece naquele contexto auxilia-nos a pensar em suas contribuições e repercussões na ação pedagógica e nas consequências de um processo de formação e autoformação do ser. Quanto a isso, é possível afirmar que do idealismo ela guarda a visão de um ser humano integro, que busca a perfeição, o ser humano que na metafísica cristã é perceptível antes da queda para o pecado. Da psicologia profunda, a ideia de ser humano que, uma vez caído, não consegue compreender seu interior mais profundo, seu inconsciente e que, por isso, afasta-se da redenção. Já em Heidegger, o ser humano está tão absorto em se compreender submerso no mundo, que cria uma visão negativa sobre si e sobre seu fim, os afastando então da Eternidade junto a Deus. Tais pontos dão-nos uma visão geral acerca da relação dessas teorias com a metafísica cristã, que será a base da concepção de humano da pensadora.

3.2. A antropologia nas ciências da natureza e do espírito

Stein (2024) afirma que se a ideia de ser humano tem decisiva importância para a ciência da educação e para o ato educativo. Dessa forma, é necessário que a pedagogia se certifique de sua concepção de humano, que busque responder o que é o homem através da antropologia, pois “a pedagogia constrói sobre o vazio se não se tem uma resposta à pergunta *o que é o homem?*” (Stein, 2024, p. 37). Mas, compreende-se que antes dessa resposta, o próprio sentido sobre o que é antropologia precisa ser esclarecido.

Já nos foi possível conceber o horizonte das visões sobre o ser humano que cercavam a autora e seus contemporâneos. Ela então aponta duas possibilidades de compreensão acerca do que é a antropologia: a visão da ciência natural e a visão ciência dos espíritos. Sobre isso, afirma Sberga (2014):

Para o ato pedagógico, é inadequada uma antropologia que se fundamenta nas ciências da natureza, que investigam o ser humano unicamente como espécie animal, mas próxima da biologia e da zoologia e que, por isso, parte da tipologia geral para classificar o ser humano (povos, raças, descrições morfológicas, estruturas e desenvolvimentos do corpo etc.) e não compreende na sua concretude e individualidade. (Sberga, 2024, p. 139)

Ou seja, Stein aponta que a antropologia baseada nas ciências da natureza é insuficiente para se chegar à compreensão do ser humano em sua totalidade de espírito, alma e corpo; de igual maneira o ato pedagógico precisa compreender a individualidade de cada ser para o ajudar em seu processo formativo de vivências com o meio sociocultural em que vive sem deixar de lado os traços que formam sua individualidade. Por isso Stein faz a opção por seguir o caminho das ciências do espírito como afirma Sberga (2014):

Devido a essa consideração, Stein faz a opção não pela antropologia que segue a via das ciências da natureza – orientada exclusivamente ao mundo material e às suas leis universais -, mas pela que segue a ciência do espírito, que vai em busca da característica peculiar do ser humano, isto é, de sua individualidade. (Sberga, 2014, p. 140)

Ao mostrar que a antropologia naturalista não atinge as finalidades pedagógicas, Stein lança questões pertinentes, indagando, por exemplo, se existe uma antropologia que responde as exigências pedagógicas e se de fato existe alguma ciência antropológica que tenha como objetivo compreender o indivíduo em sua individualidade (Stein, 2024). Ela então cita que tais

questionamentos inspiraram a *Escola de Baden*¹¹ a criar uma teoria que afirma a existência de ciências nomotéticas (generalizantes) e as ciências ideográficas (individualizantes), divisão que mais tarde iriam traçar paralelo com as ciências da natureza e do espírito. No entanto, afirma Stein (2024, p. 40): “não é possível, contudo, identificar ciências ideográficas com as ciências do espírito.”. Isso porque as ciências históricas querem nos apresentar os fatos como únicos e irrepetíveis, quando na verdade as ciências do espírito querem mostrar que existem ações, leis e comportamentos que se repetem em diferentes contextos, numa espécie de leitura ou visão filosófica da história. Neste sentido, a questão assim se delinea:

Junto a uma concepção antropológica com enfoque na ciência do espírito, Stein propõe uma teoria e uma prática pedagógicas voltadas para a formação da pessoa concebida na sua totalidade, e isso vai além de uma educação que visa, unicamente, à transmissão de conteúdos da tradição cultural, mas implica a formação global da pessoa, condizente com a antropologia. (Sberga, 2014, p. 142)

Portanto, para se chegar numa visão que constitua bases desse processo educativo entre a educação e a antropologia, se faz necessário considerar a filosofia para que, interligadas, possibilitem essa formação global da pessoa a partir de sua individualidade que se forma ao redor de uma totalidade e diversidade que vai constituindo pessoa humana e que garante aqui uma educação cultural e científica que leva em consideração os saberes da vida, o saber popular que permeia sua individualidade e o meio em que está.

3.3. A antropologia teológica

Em resposta aos questionamentos acima, Stein então apresenta uma antropologia teológica, que resulta do aprofundamento das questões de uma antropologia filosófica a partir das ciências do espírito. Para ela uma ciência geral do ser humano não pode se limitar ao que foi criado, mas é preciso levar em conta o criador, e a relação que existe entre ambos para só assim ter uma plena visão da estrutura do ser humano em sua individualidade, em seu mais íntimo, que é a relação com seu criador. Assim, ela afirma: “Portanto, seria também incompleta e inadequada como fundamento da pedagogia uma antropologia que não considerasse a relação do ser humano com Deus”. (Stein, 2024, p. 46)

Para Kusano (2014, p. 107), “a antropologia teológica oferece uma visão de que, antes de tudo, o ser humano é um ser finito que junto de todas as criaturas finitas não possui a capacidade de compreender-se completamente por si mesmo”. Essa compreensão nos faz voltar

¹¹ Surgida entre o final do século XIX e início do século XX, A *Escola de Baden*, ou “escola do sudoeste”, representava uma nova visão dentro do movimento neokantiano. Dividiu as ciências entre os polos generalizantes e individualizantes, buscando assim dar as especificidades das ciências do espírito e da natureza.

nosso olhar para o Ser Eterno, para Deus. Por meio dessa compreensão, a educação tem no processo de formação e autoformação um caminho possível para buscar restaurar a unidade entre a criatura criada e seu divino criador.

Na obra *A Estrutura da pessoa humana* Stein sintetiza como essa visão global do mundo própria da metafísica cristã, se dá através de uma pedagogia cristã por intermédio de Deus, dizendo que

Tudo isso nos lembra que o verdadeiro educador é Deus, que é o único a conhecer cada ser humano singular em profundidade, que é o único que tem diante dos olhos a finalidade sem possibilidade de dúvida, e é o único que sabe quais são os meios aptos para conduzi-lo ao fim. Os educadores humanos são somente instrumentos nas mãos de Deus. (Stein, 2024, p.30)

Tal afirmação nos coloca então diante de um dilema. Ainda que discutindo os conceitos antropológicos que servem de base para uma pedagogia da formação e autoformação de um ser em sua integralidade, em sua concepção teórica Stein afirma que Deus é o educador e nós, enquanto educadores, somos meros instrumentos em suas mãos (Stein, 2024), a pensadora restringe a atividade pedagógica que ela defende, de busca na individualidade compreender sua totalidade, uma vez que o mundo e as relações humanas sendo dinâmicas, faz com que o ser humano tenha a liberdade de não acreditar neste Deus e tampouco, deixar-se formar por ele.

Compreende-se aqui os esforços de Stein para nos apontar um pensamento que una a filosofia cristã e filosofia secular, a sua preocupação para com a formação integral do ser humano. Buscamos então aproveitar o máximo de suas contribuições para enxergar aquilo que hoje é possível trazer para nossa realidade e colaborar na formação e autoformação integral do ser humano para si e para o outro que está com ele no mundo, numa relação do eu interior para com o outro e da pessoa para com a comunidade, olhando para além da cosmovisão cristã alicerçada pela autora.

3.4. O ser enquanto microcosmo, pessoa espiritual e à procura de Deus

A experiência viva do ser humano é a arte norteadora da pesquisa de Stein. O outro, diferente de mim, pode conter gostos e costumes iguais ou semelhantes, ao mesmo tempo que constitui comportamentos que diferem completamente. Para a pensadora, tais diferenças estão no âmbito material e espiritual. O ser humano em sua constituição corporal é coisa material e segue as mesmas leis da natureza que os demais seres vivos, porém não o vemos apenas como humano material, ao observarmos um ser em movimento, tal movimento pertence a sua imagem e começamos a perceber no outro algo vivo ou morto, o ser humano e seu corpo estão em constante transformações e movimentos, por isso afirma que “é próprio do ser vivo o poder de

se movimentar sozinho. O ser humano, portanto, é mais que um corpo material, é um vivente.” (Stein, 2024, p. 50).

O ser humano é, portanto, um ser de diversas experiências, um microcosmo dentro do cosmos, que se divide em coisa material, ser vivo, ser animal e pessoa espiritual, formando sua unidade humana. Dessa forma, é perceptível que o mundo do ser humano é um mundo social, que, como ser social, o humano tem outro fator determinante de sua experiência é o seu caráter. Stein então enfatiza que das individualidades e de toda essa constituição, viver em comunidade para os seres humanos é ver o outro agir e ir agindo como ele, pois em partes foram constituídos assim, vivendo entre obras humanas, criando e vendo coisas serem criadas, fazer nascer e renascer objetos inutilizados e assim comprovar que o ser humano tem uma vida cultural.

Para Stein (2024, p. 53), o ser humano “no seu íntimo, assim como no mundo externo, o ser humano encontra referências a algo que está cima dele e de tudo o que existe, do qual ele e tudo que existem dependem”. Aqui, referindo-se a Deus, ela diz que aqueles que não o conhecem ou não o aceitam, caminham na direção de encontrá-lo ou viver buscando aquilo que lhe dá referências. Ou, como afirma Santana (2016, p. 79), “o homem não é o ser meramente jogado no mundo, é factual, não é órfão”. Em síntese, a busca do ser humano parece ser uma busca por Deus numa visão cristã, ou uma busca pelo preenchimento do vazio, pelo eterno, transcendendo dessa cosmovisão da metafísica cristã.

4. A IDEIA DE FORMAÇÃO EM EDITH STEIN

Uma vez compreendida as trilhas que Stein percorre na elaboração de uma antropologia e sua relação com o ser e formar-se pessoa humana, chegamos agora na parte do percurso que nos leva à caracterização da *ideia de formação* da pensadora. Quanto a isso, ela considera que, se diante de tantas compreensões do que é o ser humano nós não tivermos o cuidado de pensar em como podemos ajudar esse ser em sua experiência formativa e autoformação, o princípio educativo, que é fazê-lo chegar a sua integridade enquanto pessoa humana, será deixado de lado e não alcançará, em sua individualidade, a totalidade de seu existir.

É nessa perspectiva que na obra *A mulher, sua missão segundo a natureza e a graça*, Stein (2020) afirma que precisamos ter em mente os sujeitos e o que, ou quem, está sendo formado,

Se entendermos por formação o modo pelo qual se desenvolve um ser, seja por um processo involuntário que vem de dentro, seja pelo trabalho da formação livre, realizado pelo próprio indivíduo ou realizado nele por outros será fundamental para a compreensão desse processo que saibamos o que está sendo formado. (Stein, 2020, p. 152)

Ou seja, é preciso tomar consciência de que sujeitos estamos formando e ajudando a caminhar nesse processo. Daí a importância da compreensão das concepções antropológicas e da busca da resposta sobre o que é o homem, pois independente do percurso formativo que o sujeito segue, aquele que o ajuda nesse processo precisa ter em si qual sujeito está sendo formado em sua individualidade para chegar em sua totalidade, numa formação integral do ser enquanto pessoa humana, que se compreende enquanto sujeito individual, formado das relações de si para com o outro, um ser humano que para tornar-se pessoa precisa dessa troca de relações.

Podemos dizer então, que a autora constrói sua própria antropologia filosófica, na qual busca apresentar sua visão acerca da unidade tripartite do humano: corpo, alma/psique e espírito e tornar compreensível a ideia de que a formação é um elo que constitui o ser, como nos lembra Kusano (2014):

Para Edith Stein, o ser humano é essencialmente um ser formado por corpo, alma e espírito e que deve, no decorrer da vida, desenvolver-se e aprimorar-se para se converter naquilo pelo qual foi chamado a ser. O entendimento sobre o homem deve ser a base do ato pedagógico por excelência (Kusano, 2014, p. 15).

Ou seja, apresenta-se em suas obras a busca pela essência humana, partindo da consciência de si para a consciência do outro, levando em consideração que o ser humano é um *eu* consciente e livre, e que a tomada de consciência é o ponto central na descoberta e conhecimento de si enquanto ser que é vida (Rus, 2015).

4.1. O ser humano como ser que se deixa e se faz modelar

Stein (2021, p. 119), afirma que “formar é dar forma a um material segundo uma modelagem”. Considera para isso a imagem do artesão, que molda o barro a partir do toque de suas mãos dando-lhe distinta forma, pois cada peça é única, cada caminho feito pelo barro e pelas mãos é único, assim como a alma humana. O ser humano é único e, embora modelado por outras mãos, formar-se por si mesmo. Ou seja, para Stein formar é nos modelar enquanto pessoa humana, formando a nossa alma, nosso ser interior. Nesse processo ela questiona sobre a imagem a partir da qual alma é formada e quem é o sujeito da atividade formadora.

Essas questões nos levam à concepção educativa da pensadora, para quem “Educar significa conduzir outras pessoas a tornar-se aquilo que devem ser. Não se pode fazê-lo sem saber o que é o ser humano e como ele é, aonde ele deve ser conduzido e quais são os caminhos possíveis.” (Stein, 2024, p. 221). Nesse processo, é preciso chegar ao fundamento de um ser humano que se forma interior e exteriormente, compreendendo que ele é formado por espírito, alma e corpo, entrelaçados num único ser, ou, como diz Santana (2016, p. 80) “o que faz o

homem ser homem é sua essência, essência que é espírito, permitindo-o mover-se para fora de si mesmo, sem perder nada de si. O ser humano possui um corpo, uma alma e um espírito.”

Sua dimensão pedagógica se exprime na busca por um fio condutor que seja capaz de encontrar e conduzir o ser humano para o caminho que dê sentido ao seu existir em seu anseio por plenitude, o direcionando a partir da compreensão de si. Segundo Rocha (2021):

[...] Stein concebe que o objetivo principal da ação educativa é a formação humana. A pedagogia assume um *status* de “teoria da formação humana”. [...] Edith Stein defendia que a visão de homem e mundo, que fundamentavam a prática pedagógica, fosse explicitada (Rocha, 2021, p. 87-88).

Nessa perspectiva, o ser humano, e tudo o que ele possui, é o verdadeiro sujeito da formação, aquele que deve ser levado ao conhecimento de si e do outro, através de si e da sua relação com os seus, entendendo sua missão no mundo a partir das mais diversas realidades que o moldam e o fazem remodelar-se ao longo da vida. Esse processo de formação e autoformação encontra seu fim apenas com o desfalecer do corpo e de suas energias vitais, mas para Stein e a metafísica cristã, tal formação está concluída apenas com o encontro da alma, em sua plenitude, com o criador, na vida eterna.

Ao descrever as possibilidades de formação na obra *Ideia de Formação*, Stein (2021) afirma que a primeira delas resume essa experiência apenas enquanto atividade onde o sujeito e o objeto dessa ação são o mesmo. Ela se contrapõe à segunda, dizendo que se pensarmos a formação enquanto resultado de um trabalho formador, torna-se evidente que é formação de trabalho de si mesmo. Aponta ainda que se quisermos tomar a questão em seu modo costumeiro, será preciso avaliar bem a ideia de que toda formação é formação auto adquirida. Por fim, considera que se quisermos excluir a correlação entre o operar e seu resultado, que se trata de mero processo de crescimento, faz-se necessário deixar de lado que toda formação é formação de si mesmo e afirmar que toda formação é crescimento.

4.2. A disposição natural enquanto fator educacional

Stein (2021) aponta a *disposição natural* como fator educacional; apresenta que em todo crescimento encontra-se um agir que segue por duas dimensões de uma coisa objetivada, ou seja, algo pronto e conhecido: “Há um material acolhido e formado, bem como uma forma que acolhe e forma. Todavia, o *agir* aqui não é livre, mas natural” (Stein, 2021, p. 121). Ao afirmar que existe um material que é acolhido e formado, e que seu agir não é livre, mas natural, considera que a pessoa está pronta para ser vivenciado daquela maneira, segundo o que lhe é próprio. Tal ideia torna-se concreta e mais visível para nós ao observarmos a ocorrência nos seres vivos não espirituais, ao que Stein (2021) sintetiza dizendo:

Mas, ainda, o formar não é uma ação livre e consciente. Ele pode ser determinado por fatores externos, e um ser que age livremente pode intervir no processo formador de acordo com algum propósito, mas apenas levando em conta as leis naturais de tal processo formador. Aqui, portanto, forças externas e internas operam juntas visando à formação. (Stein, 2021, p. 121)

A partir dessa compreensão, indaga como nós, seres vivos espirituais, podemos então tomar consciência da nossa formação? A própria Stein busca responder tal questão ao afirmar que “a formação do ser humano é efetivada pela forma interna, a disposição germinal natural que determina o desenvolvimento do corpo subjetivo e da alma. Observa-se, porém, outro sentido no ser humano, a saber, o de que ele *forma a si mesmo*.” (Stein, 2021, p. 121). A questão pode ser melhor esclarecida na afirmação de Kusano (2014):

O ser humano é visto neste emaranhado de relações, marcado por sua abertura, um ser livre e espiritual. A existência é dada num longo percurso de desenvolvimento das potencialidades humanas, num contínuo processo de formação e autoformação do caráter que implica em liberdade e responsabilidade. A tarefa do educador, ao fim e a cabo, é a de conduzi-lo neste processo, ajudando-o a se tornar aquilo que ele foi chamado a ser. (Kusano, 2014, p. 129)

Dessa forma, ao mesmo tempo que a tarefa do educador é conduzir o ser a se tornar aquilo que ele foi chamado a ser, é evidente que ao desenvolver suas potencialidades humanas, o ser toma consciência de sua liberdade e de que dentro desse agir livremente, pode tomar decisões próprias, que de alguma maneira irão impactar no processo de formação e construção de si e que, paralelo a isso, começa a compreender que seus atos e ações, tal qual suas escolhas e decisões, tem consequências diretas em seu viver e agir, fazendo-o então refletir sobre o uso de suas potencialidades e de sua liberdade, o que podemos dizer que faz parte também desse processo de autoformação. Stein (2021) evidencia isso, especialmente na afirmação que segue:

A pessoa livre é um *si mesmo* que se toma em suas próprias mãos; quer dizer, seu corpo subjetivo e sua alma estão – embora não incondicionalmente – sob a direção da vontade. O ser humano pode obter do mundo circundante alimento pronto para seu corpo subjetivo e sua alma; pode também escolher o que lhe é apropriado e afastar o que lhe é prejudicial; certamente, pode falhar ao tentar fazê-lo; e pode ainda “negligenciar a si mesmo”, o que torna responsabilidade sua se permanece “sem forma” ou “mal formado”. (Stein, 2021, p. 122)

Ao mesmo tempo que é importante esse tomar a *si mesmo* em suas próprias mãos, Stein não deixa de reconhecer que isso não é o único fator que impacta ou influencia esse processo de formação e autoformação, conforme observamos:

Mas também já vimos que ele não é o *único* responsável por tudo isso, uma vez que ele não consegue “fazer de si mesmo” tudo o que quer. Sua vontade racional é limitada por sua disposição natural; e se ele tenta vencer isso, não

corresponde ao que lhe é reservado, e isso não lhe dá uma formação efetiva, mas uma aparência de formação, “verniz exterior”. (Stein, 2021, p. 122)

Ou seja, existe uma correlação de consequências, deveres, responsabilidades e implicações no processo de formação e autoformação do ser humano. Isso se torna concreto quando observamos mais precisamente o ato do educador que busca que atuar na formação de pessoas, ele também vive em constante formação, aprendendo com aqueles que foram até ele para aprender, pois o processo formativo de cada ser humano se dá a partir de sua individualidade e na relação do outro. E é na relação com o outro que descubro aquilo que não me é comum ou não me foi apresentado ao contexto em que vivo, como a própria Stein (2021, p. 123) afirma: “em grande parte, o *si mesmo* obtém suas matérias formadoras a partir do que o circunda; e, sem as matérias formadoras adequadas, não pode obter a formação para a qual é habilitado a partir de seu íntimo.”. Então, na relação com o outro e nos espaços em que vive e habitam, os seres estão então correlacionados em formar e se deixar formar, buscando então aprender como viver em comunidade e fazer com que essa comunidade seja também comunidade formadora.

4.3. As comunidades formadoras

Nessa perspectiva, compreendemos o sentido de *comunidades formadoras*, conforme observa Sberga (2014), uma vez que Stein “considera que a família, o Estado e a Igreja são três comunidades necessárias para a formação integral da pessoa. No entanto é convencida de que outras instituições como, por exemplo, a escola, e outros fatores, também são determinantes na formação das pessoas.” (Sberga, 2014, p. 229). Ou seja, também é base para esse processo de formação integral da pessoa humana as suas comunidades, as diversas veredas que viver em comunidade possam apresentar ao ser humano, como afirma Carneiro (2011):

Stein afirma o papel formativo da comunidade à medida que o sujeito vê despertar em si uma série de aptidões que poderiam permanecer adormecidas na ausência desse ambiente. Para a autora, existem características que só podem ser desenvolvidas na vida da pessoa através de uma convivência comunitária. (Carneiro, 2011, p. 281).

Participando ativamente desse processo de formação, faz-se necessário compreender que os fatores vividos nas comunidades; como os amigos, a cultura e as relações entre comunidades; devem ser levados em consideração para ter uma visão completa das influências que cada ser humano tem em seu processo formativo, pois tais aspectos marca a vida humana. “Por conta dessas influências externas, que as comunidades formadoras e toda e toda ação educativa planejada não podem atingir seus objetivos se não analisarem e não levarem em

consideração esses fatores que são realmente marcantes no campo formativo (Sberga, 2014, p. 265).

4.4. O Deus formador

Depois de uma aprofundada reflexão acerca da ideia de formação, Stein apresenta a ideia de um *Deus formador*, em conformidade com os horizontes antropológicos assumidos por ela. Quanto a isso, Stein volta o foco de todo seu pensar e filosófico para uma compreensão de *transcendência* do processo formativo, na referência à figura divina de Deus, através da metafísica cristã de Tomás de Aquino e nos apresenta tal figura ao falar que “de acordo com nossa fé, a formação do ser humano é obra da Providência Divina. Deus deu ao ser humano sua disposição natural como um germe destinado a brotar e desenvolver-se.” (Stein, 2021, p. 123).

Para compreender melhor essa concepção educativa, precisamos aqui levar em consideração que o texto *A ideia de formação* é resultado de uma conferência para professores católicos em 1930 e que seu pensamento, permeado por essa fé e pelo sentido divino da vida humana representa, torna compreensível tal afirmação. O ser humano tem, para ela, o fim último na graça divina de Deus, que busca guiar cada ser humano e finito para si, o Ser Eterno, mas que ele é o único capaz de mudar a natureza humana ao mesmo tempo que deixa o ser humano livre para tal experiência ou não.

A partir desse olhar, podemos então voltar ao que foi dito anteriormente, considerando quais sujeitos estão sendo formados. Se pensarmos em recém-nascidos e nas crianças que estão construindo sua consciência, elas aprendem a partir da percepção do outro, repetindo gestos e costumes que lhe são comuns e recorrentes, levando a criança a dar, a partir disso, seus primeiros passos formativos. Mas, segundo a pensadora, “é somente quando a aspiração amplia-se a aspectos humanos comuns e acessíveis a todo indivíduo; ou se funda num parentesco real de naturezas, que ela pode levar a uma formação autêntica” (Stein, 2021, p. 125). Pois somente tendo compreensão dos atos e de sua importância é que o ser, a partir de sua percepção, toma para si, enxerga e compreende o ato que reproduz, faz ou adaptar em sua individualidade, conforme ela afirma a seguir:

Segundo as diferentes visões-de-mundo, os formadores têm, diante de seu olhar, como imagens-finalidades, os mais diversos ideais formadores. Porém, é apenas se a forma-finalidade de cada ser humano unir-se ao que lhe é designado como indivíduo que se pode esperar que o trabalho formador seja coroado de sucesso. (Stein, 2021, p. 125)

A afirmação nos faz acreditar que os ideais formadores são diversos, pois nossa humanidade é diversa e permeada por inúmeras realidades sociais, culturais que se cruzam

também com a individualidade de cada ser humano que, uma vez perpassada por esses aspectos criará sua própria visão e modo de viver dentro daquele cenário, criando sua totalidade através das experiências consigo e com os outros.

4.5. A relação de confiança entre os entes formativos

Ao mesmo tempo que para o trabalho formador alcançar seu sucesso é necessária a união dos desígnios com a forma-finalidade, faz também necessário que coexista entre os entes que formam esse processo formativo, educador e educando, uma *relação de confiança*. Acerca disso, Stein (2024) falará em *A estrutura da Pessoa Humana* que todo educador deve respeitar os jovens em sua individualidade e buscar se adequar as suas realidades, para que ambos possam construir uma sincera relação para o conhecimento e compreensão da natureza humana, mas que o educador pode, respeitando os limites de cada ser, afirma:

Todavia ele pode aproximar-se das peculiaridades individuais somente mediante um vivo contato interior; o ato próprio da compreensão, que sabe interpretar a linguagem da alma nas suas diferentes formas expressivas (olhar, expressão do rosto e gesto, palavra e escrita, ação prática e criativa) pode penetrar no profundo. Porém o caminho é livre somente se a alma se expressa sem impedimentos e se o processo original de desenvolvimento e de formação da interioridade em relação à exterioridade não é interrompida (Stein, 2024, p. 31).

Ou seja, é possível aproximar-se do indivíduo em processo de formação para o compreender em sua individualidade apenas se esse se sentir confiante e deixar-se livre para o diálogo e o contato com o outro, sem que atrapalhe o processo de formação e constituição do ser, mas que tal diálogo seja mais um caminho de fazer com que o ser se reconheça enquanto pessoa no mundo em que vive. Como afirma Santiago (2012) é necessário ter consciência de que a “formação requer abertura e somente pode ser vivenciada numa relação de confiança (*Vertrauen*) capaz de suplantar a resistência contra o estar sendo formado. Sem a confiança é impossível chegar à criança e ao jovem[...]” (Santiago, 2012, p. 7).

Stein já chama atenção para a situação em pleno século XX dos educadores se deparam com crianças fechadas em si mesmo. Para Stein, esses educadores se veem diante de um muro, ao se encontrar com as crianças e os jovens, e assim descreve essa realidade:

Todavia, hoje já os menores que acolhemos nas escolas não são mais, todos, crianças como tal simplicidade. Muitos estão já voltados sobre si mesmos, fechados para o exterior; não podem ou não querem mais abrir-se e expressar-se livremente; o olhar do educador se choca contra um muro. (Stein, 2024, p. 31)

É interessante que já naquele período entre guerras muitas pessoas, submersas no contexto em que viviam, tiveram seu percurso imaginativo e criativo cortados pelo barulho dos

bombardeios e destruição causada pelos exércitos. Porém, ao lançarmos um olhar criterioso para o fenômeno educativo em nosso tempo, continuamos nos deparando também com muros, seja por conta de nossas ações enquanto educadores, seja por conta dos contextos socioculturais em que estamos vivendo. O consumismo nos faz querer sempre mais para preencher um vazio existencial que não se preenche; cada vez mais ligadas às telas, as crianças deixam de pensar e de criar, tirando esse processo livre da descoberta de seu percurso formativo. Em síntese, em diferentes contextos, a confiança e a possibilidade de um livre expressar garante um melhor caminho pela trilha do formar-se pessoa humana.

5. CONCLUSÕES DE UM CAMINHAR NAS TRILHAS DE EDITH STEIN

Em um cenário educativo atravessado por tantos dilemas que nos cortam enquanto seres em formação, seguir as trilhas de Edith Stein é aventurar-se numa vida de grandes transformações e compreender que o ser humano é cortado por diversos fatores que servem como agentes de transformação em suas vidas. Enquanto houver vida no ser humano, ele viverá em constante processo de formação e autoformação. Pois é nas relações com os outros sujeitos, como as outras pessoas humanas, que nossa individualidade entende fazer parte de um todo maior do que nós, que a totalidade do nosso ser completa-se na totalidade do outro e que as diferenças de culturas, idiomas, povos, sociedades, nos tornam seres únicos, seres vivos espirituais, que tem a liberdade de compreender a beleza da natureza e deixar-se construir, desconstruir e reconstruir-se a parti do cotidiano.

Obviamente nossa liberdade implica em escolhas, que podem ser corretas ou marcadas por direcionamentos equivocados, errados e com consequências severas. Nesse sentido, enquanto os pensadores do século XX buscavam as essências humanas de seu existir no mundo, milhares de pessoas perdiam vidas em conflitos e se quer puderam perguntar o motivo de tais acontecimentos. Stein percebeu que se o ser humano vive um autêntico, coerente e sincero processo de formação e autoformação, ele compreende sua totalidade na relação com o outro e o respeita tal como é, criando caminhos que se afastam da incompreensão que gera violência.

A conversão de Stein ao catolicismo e seu aprofundar-se na metafísica cristã de Tomás de Aquino a fez tomar consciência de que a verdade que buscava era o próprio Deus. Tamanha era sua convicção que no capítulo final da obra *A estrutura da pessoa humana* afirma que “devemos, portanto, considerar uma evidência ontológica o fato de que o ser do homem, como tudo o que é finito, remete a Deus, e que sem essa relação como ser divino não seria inteligível: seja o fato de que ele é (a sua existência) quanto o fato de que ele é o que é.” (Stein, 2024, p. 219). Em síntese, o fim único do seu pensar fenomenológico e antropológico acerca do ser

humano se encerra no encontro do ser finito, a criatura, com o Ser Eterno, o Deus criador, marcando forte influência do pensamento tomista em seus estudos.

Voltemos então para o questionamento condutor de nossa pesquisa, e pontuemos então como um pensamento mergulhado numa cosmovisão cristão do ser humano pode nos ajudar no processo de formação do ser enquanto pessoa humana. Se levarmos em conta que “todo agir humano é guiado por um *logos*” e que “cada obra educativa, direcionada a formar seres humanos é guiada por um determinado conceito de ser humano” (Stein, 2024, p. 17), podemos perceber que um educador que não tenha sua práxis alicerçada numa visão de humano, torna o processo formativo frágil, pois se estamos ajudando os sujeitos a se constituírem enquanto pessoas humanas, que sujeitos estamos buscando formar? Stein buscou trilhar nas visões contemporâneas, dialogando com o que cada uma falava sobre o ser humano e encontrou pontos que convergiam e divergiam com suas concepções. Ela buscava compreender o ser humano para além de sua existência material, conforme assinala Éric de Rus (2014, p. 30): “A reflexão steiniana sobre a pessoa humana não se fixa apenas no Eu puro, mas mostra-se intensamente atenta a profundidade do sujeito tal como ele se experimenta e se vivencia *realmente* do interior.”. Ou seja, Stein preocupava-se em fazer compreender que nosso interior também faz parte do processo formativo, não está fora de nós, mas constitui-se em nós.

Em resumo a visão educativa de Stein se resume em três pilares cruciais: a afirmação de que todo ato pedagógico deve ser baseado numa visão antropológica de pessoa humana, em seguida, podemos dizer que a educação em Edith Stein parte da interioridade do ser humano, “pois a educação é aqui compreendida como uma formação integral da pessoa com base em sua interioridade.” (Rus, 2014, p. 34). E, por fim, trata-se de uma educação mística, voltada para uma dimensão de transcendência, no sentido religioso do termo, um processo em que o ser humano caminha rumo ao Ser Eterno, que é Deus.

Nossa sociedade, submersa em guerras e conflitos de interesse, atreladas ao rápido avanço tecnológico, necessita assumir alguns questionamentos comuns aos pensadores do século XX, que podemos resumir na indagação: qual a essência do nosso ser no mundo? Questão que deixamos como ponto de partida para outros caminhos na busca de uma possível resposta. Dessa forma, olhando para os caminhos que Stein fez, compreender a pedagogia e a práxis pedagógica aliada a uma concepção de ser humano, para que este não cresça vazio e tome decisões que o afastem de uma individualidade que se completa na individualidade do outro. Nesse cenário, faz-se necessário reconhecer a interioridade do ser humano para compreender os dilemas que se vivem cotidianamente a partir das vivências e das relações para

com o outro, compreendendo que o interior e o exterior formam a individualidade enquanto pessoa humana e nos ajuda a alcançar a formação integral do ser, que se encontra encontra-se no cerne de nossa alma.

Também a dimensão de transcendência, na perspectiva mítica-religiosa merece aqui um destaque especial, pois se não levarmos em conta a dimensão espiritual do ser humano, deixaremos de fora algo que faz parte da própria concepção de ser humano. Na perspectiva de Stein, um ser finito é criado para o Eterno, criado para viver além desta vida, transcendendo sua natureza. Nessa leitura, avaliamos que há aspectos da abordagem que merecerem atenção, no sentido de considerar os seus limites. Dessa forma, o que pode aqui ser criticado é aquilo que já vimos anteriormente: o fato de Stein afirmar que Deus é o verdadeiro educador e que nós, enquanto educadores, somos meros instrumentos em suas mãos. Nós nos afastamos dela para dizer que a concepção místico-religiosa vai além desse horizonte, pois o ser espiritual, que acredita nessa dimensão sagrada, visa alcançar um Ser Eterno para atingir sua perfeita formação humana. Tendo em conta que cada sociedade tem sua cultura e crenças, também esse processo educativo que olhe para o espiritual se molda a realidade em que está inserida. Por exemplo, um indígena que perde a vida de seu ser finito, em algumas culturas, costuma acreditar que seu espírito volta para a terra e a fortalece, completando assim sua eterna missão. Para os cristãos, vivendo os desígnios de Deus durante a vida enquanto ser finito, será possível alcançar o Ser Eterno, o criador, e ali habitar eternamente com ele em plena perfeição. O que significa que a relação criatura e criador se adapta às crenças e realidades que cada ser está inserido.

Se nosso sujeito se entende ser humano na relação para com o outro, é também nessa troca de relação que aprendemos a respeitar as crenças, costumes e culturas diversos do nosso e os ter como válidos para as realidades e situações em que estão inseridos, mais uma vez, é respeitando a individualidade do outro que alcançamos a totalidade do nosso ser, pois “no processo formativo, o ato empático consente a abertura ao outro com afetividade.” (Brustolin; Teixeira, 2018, p. 43). É olhando para o profundo da existência humana, sem preconceções, que encontraremos a vida em comunidade a tanto perdida e é vivendo em comunidades formadoras que vamos nos formando integralmente e nos constituindo pessoa humana ao longo da vida.

Ainda acerca da pedagogia steiniana, Brustolin; Teixeira (2018) resumem bem na afirmação que segue:

A pedagogia steiniana é cunhada na integralidade da pessoa humana com envergadura na dialógica entre singularidade e empatia, interioridade e exterioridade, natureza e graça, finitude e eternidade. Contribui, assim, para

uma educação que visa não somente do tangível, mas principalmente, permite uma abertura ao transcendente. (Brustolin; Teixeira, 2018, p. 48)

A partir do que foi discutido, podemos afirmar que a antropologia steiniana nos ajuda a refletir sobre o conceito de formação integral da pessoa humana e enxergar caminhos e possibilidades para trilhar, a partir das sementes plantadas por ela, sobre uma pedagogia e práxis pedagógica alicerçadas numa visão de ser humano que vá além do ser humano natural e superficial. Reconhecendo que ser pessoa humana é ser também um ser espiritual, com interioridade, livre e ligado a um caminhar transcendental rumo ao Eterno que completará as angústias e inquietações de seu existir.

A educação nesse processo serve como guia e suporte para que o ser encontre esse caminho de formação e autoformação através das relações tecidas consigo mesmo e com o outro. Portanto, trazer o pensamento de Edith Stein para o debate pedagógico atual, é tecer esse olhar de cuidado e atenção para compreender aquilo que podemos aplicar em nossa realidade, seja na confiança e troca de experiências entre educador e educando, seja na construção de um caminhar transcendental, seja no reconhecimento da interioridade de cada ser.

Por fim, compreendemos que toda educação pode ser transformadora se nos dermos a possibilidade de olhar o outro em sua essência, para além daquilo que concebemos dele, levando em consideração as diversas realidades que o cortam, pois só assim nossa individualidade trabalha o ato empático que é capaz de gerar transformação e ajudar no processo que nos forma e constitui-nos enquanto pessoas humanas.

REFERÊNCIAS

BAVARESCO, Gilson. **O conceito de pessoa em Edith Stein**. 2017. Disponível em: [O conceito de pessoa em Edith Stein \(ucs.br\)](#). Acesso em: 27 ago. 2024

BRUSTOLIN, Leomar Antônio; TEIXEIRA, Patrícia Espindola de Lima. A educação em Edith Stein: Breve análise histórica e conceitual. *In.*: PERETTI, Célia; DULLIUS, Fátima. (org.) **A arte de educar: por uma pedagogia empática em Edith Stein**. Curitiba, PR; Editora Prismas, 2018, 1ª edição.

BUENO, Enilda Rodrigues de Almeida. Fenomenologia: a volta às coisas mesmas. In: PEIXOTO, Adão José (org.). **Interações entre fenomenologia e educação**. Campinas, SP. Editora Alínea, 2014, 2ª edição.

CARNEIRO, Suzana Filizola Brasileira. **A formação humana em contexto de violência: uma compreensão clínica a partir da fenomenologia de Edith Stein**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. *Disponível em:* [A formação humana em contexto de violência: uma compreensão clínica a partir da Fenomenologia... \(usp.br\)](#) . Acesso em: 27 ago. 2024

CARNEIRO, S. F. B. Vivência comunitária em Edith Stein. **Kairós**, Fortaleza, v. 8, n. 2, 2011. Disponível em: <https://ojs.catolicadefortaleza.edu.br/index.php/kairos/article/view/183>. Acesso em: 7 out. 2024.

GIORGI, Amadeo. Sobre o método fenomenológico utilizando como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; LAPIERRIERE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Alvaro P. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008.

GRZIBOWSKI, Silvestre. A fenomenologia no pensamento de Edith Stein. In: SANTOS, Gilfranco Lucena dos; FARIAS, Moisés Rocha. (Org.) **Edith Stein: a pessoa na filosofia e nas ciências humanas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

KUSANO, Mariana Bar. **A antropologia de Edith Stein: entre Deus e a filosofia**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

KUSANO, Mariana Bar. O conceito de espécie em Edith Stein. In: SANTOS, Gilfranco Lucena dos; FARIAS, Moisés Rocha. (Org.) **Edith Stein: a pessoa na filosofia e nas ciências humanas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

MACHADO, Antônio José Gomes. A educação steiniana: aspecto estruturante da pessoa humana. In: SANTOS, Gilfranco Lucena dos; FARIAS, Moisés Rocha. (Orgs.) **Edith Stein: a pessoa na filosofia e nas ciências humanas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2011, 2ª edição.

MENEZES, Jex. Qual o sentido de subjetividade para a psicanálise? In: SANTOS, Gilfranco Lucena dos; FARIAS, Moisés Rocha. (Orgs.) **Edith Stein: a pessoa na filosofia e nas ciências humanas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

NOVINSKY, Ilana M. A pessoa de Edith Stein, a pessoa humana em Edith Stein. In: SANTOS, Gilfranco Lucena dos; FARIAS, Moisés Rocha. (Orgs.) **Edith Stein: a pessoa na filosofia e nas ciências humanas**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

PEIXOTO, Adão José. Os sentidos formativos das concepções de corpo e existência na fenomenologia de Merleau-Ponty. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 18, n. 1, p. 43-51, 2012.

ROCHA, Magna Celi Mendes da Rocha. **Edith Stein para educadores: formação integral em tempos de fragmentação**. Curitiba: Editora Appris, 2021, 1ª edição.

RUS, Éric de. **A visão educativa de Edith Stein: aproximação a um gesto antropológico integral**. Tradução de Isabelle Sanches... [et al.]; revisão técnica de Juvenal Savian Filho - Belo Horizonte: Editora Artesã, 2015, 1ª edição.

SANTANA, Luiz. **Edith Stein: a construção do ser pessoa humana**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016

SANTIAGO, Maria Betânia do Nascimento. **Diálogo, confiança e amizade na formação humana: aproximações entre Martin Buber e Aristóteles**. 2012. Disponível em: <http://redruef.org/wp-content/uploads/2013/10/Di%C3%A1logo-confian%C3%A7a%C3%A3o-amizade-na-formam%C3%A7%C3%A3o-humana-Aproxima%C3%A7%C3%B5es-entre-Martin-Buber-e-Arist%C3%B3teles.pdf>. Acesso em: 04 out. 2024

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein: um percurso de conhecimento do núcleo interior**. Pia Sociedade de São Paulo-Editora Paulus, 2015.

STEIN, Edith. **A Estrutura da Pessoa Humana**. Cascavel, PR; Editora Cântico, 2024, 1ª edição.

STEIN, Edith. A ideia de formação. **Revista filosófica São Boaventura**, v. 15, n. 2, p. 111 – 126, 2021. Disponível em: [A ideia de formação | Stein | Revista Filosófica São Boa Ventura \(saoboaventura.edu.br\)](#); Acesso em: 25 set. 2024.

STEIN, Edith. **A mulher, sua missão segundo a Natureza e a Graça**. Campinas, SP: Editora Ecclesia – CEDET, 2020, 1ª edição

STEIN, Edith. O que é fenomenologia? In: EDITH, Stein. **Textos sobre Husserl e Tomás de Aquino**. Trad. Ursula Anne Matthias... [et al], revisão da tradução e revisão técnica de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Paulus, 2019.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima et al. **A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas**. 2017. Disponível em [TEDE PUCRS: A formação integral da pessoa em Edith Stein: perspectivas teológicas e pedagógicas](#). Acesso em: 29 ago. 2024

WESLLEY VANDISON DE FREITAS

**EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA: UM OLHAR A PARTIR DA
ANTROPOLOGIA DE EDITH STEIN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco
– UFPE, na modalidade Artigo, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia.

Aprovado(a) em: 16/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Betânia do Nascimento Santiago
Núcleo de Formação Docente/CAA-UFPE
(Orientadora)

Profª. Dra. Ana Maria de Barros
Núcleo de Formação Docente/CAA-UFPE
(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Nélio Vieira de Melo
Núcleo de Formação Docente/CAA-UFPE
(Examinador Interno)